Guimarães, 9 de abril de 1909

1.º anno—N.º 20

Director e proprietario: P.e GASPAR DA COSTA RORIZ

Administrador: JOSÉ PINHEIRO

Séde da redacção e administração: CENTRO REGENERADOR DE GUIMARÃES
Rua de Val-de-Donas

Composto e impresso na Typographia Minerva Vimaranense
Rua de Payo Galvão

O REGENERADOR

PUBLICA-SE ÁS SEXTAS-FEIRAS

A paixão de Jesus

(Secundum Joannem)

Naquelle tempo, saiu Jesus com os seus discipulos. Tendo atravessado a torrente de Cedron, entrou no horto, como costumava. Judas que já urdira a traição, appareceu ali, á frente duma cohorte armada. O Mestre logo se lhe apresenta dizendo:

—A quem procuraes?

—A Jesus de Nazareth.

—Eu o sou.

Ouvindo as palavras serenas do Justo, os sicarios, como deslumbrados, caem por terra.

—A quem procuraes? repete.

—O Nazareno.

—Aqui estou; já vo-lo disse.

Pedro arranca da espada e fere Malcho, creado do pontifice; mas Jesus, reprehensivo:

—Guarda a espada na bainha. Não hei de eu beber o meu calix?!

Immediatamente o prendem e arrastam á presença de Hanan. Simão Pedro e outro discipulo seguem-no e, na confusão da turba, conseguem entrar tambem para o atrio do pontifice.

Ahi, uma creada, suspeitosa:

—Tu es sectario daquelle agitador?

—Nem o conheço!

A manhã era fria e Pedro, entre a famulagem, aquecia-se a uma fogueira. Entretanto o filho de Maria, em resposta ao pontifice que, hostil, o inquiria sobre a sua doutrina:

—Eu fallei em publico. Ensinei no meio do Templo. Nada fiz occultamente. Para que me interrogas? Esse povo te dirá o que lhe ensinei.

Então, um soldado castigando Jesus, como irreverente:

—Assim respondes a um pontifice?!

—Se ha injustiça nas minhas palavras, dize qual; se a não ha, porque me feres?

D'ali foi Jesus mandado a Caiphás. E, como Pedro ainda estava entre os creados, disseram-lhe?

—Em verdade, não és discipulo delle?

—Nunca o fui.

Mas outro, parente de Malcho:

—Eu mesmo te vi com elle, no horto!

E ouviu-se o gallo cantar...

De casa de Caiphás, Jesus foi levado ao Pretorio.

Era de manhã e os judeus, para se não macularem, porque tinham de celebrar a festa da Paschoa, não quizeram entrar; por isso veio a elles o Governador e lhe disse:

—De que accusaes esse homem?

—Não duvides de que seja um criminoso; se não o fosse, não t'o entregariamos.

—Julgae-o vós segundo as vossas leis e religião.

—A nós não nos é licito condemnar á morte.

Pilatos volta ao Pretorio com Jesus:

—És então o Rei dos Judeus?

—Tu accusas-me ou sam elles que me denunciam?

—Não eu, mas esses que te prenderam e te submettem a este meu tribunal. Que fizeste para que te persigam!

—Poderiam tranquillizar-se. O meu reino não é deste mundo. Se o fosse, os meus legionarios me defenderiam.

—Todavia affirmas que és Rei?

—Sou Rei, sim. Possuo a potente realeza da verdade. Todo aquelle que a ama ouve-me e segue-me.

—Mas se a verdade existe, o que é? onde a encontraremos?

E voltou Poncio, ao povo, para lhe declarar:

—Vejo que não tem culpa. Ora, como é costume vosso perdoar a um criminoso, pela festa da Paschoa, quereis que libertemos este innocente Rei dos Judeus?

E a plebe ruge:

Não! Não! Preferimos Bar-a-Bás.

Bar-a-Bás era um facinora temido e famoso em toda a Judea.

Pilatos vendo a furia da turba e querendo libertar aquelle innocente, dum supplicio infamante, mandou-o açoutar. E os soldados, executores ferinos, não o açoutam sómente: cravam-lhe uma coroa de espinhos; poem-lhe aos hombros a purpura real e saudam-no como a rei de comedia. Em lamentavel estado o apresenta ao povo o Presidente romano e diz:

—Eis aqui o homem! Vêde quanto soffre!

Mas todos clamam:

—Crucifica-o! Crucifica-o!

—Pois bem: ahi o tendes. Crucificae esse... innocente.

—Nós temos leis e, segundo ellas, tem de morrer. E' um agitador perigoso.

Poncio verga ao tumulto, volta Pretorio e diz a Jesus:

—Donde és?

Mas Jesus não respondeu.

—Não respondes? Ignoras que sou o representante de Cesar e que, em meu poder, está o mandar-te á cruz ou dar-te a liberdade?

—Não terias esse poder, se te não viesse de cima.

E Pilatos desejava solta-lo, mas os judeus, intimativos:

—Se o absolves, és inimigo de Cesar. Quem ousa proclamar-se Rei é digno de morte.

Mais vacillou o animo do Governador.

Apresentando Jesus ao povo:

—Aqui está o vosso Rei.

—A' morte! á cruz!

—Que loucura! Quereis que um Rei seja crucificado?!

—O nosso Rei não é senão Cesar.

Portanto, entregou-lhes Jesus. Logo o conduziam para o Golgotha sob o peso do madeiro e nelle o pregaram entre dois ladrões.

Pilatos compusera, em hebraico latim e grego, uma legenda para o alto do patibulo—*Jesus Nazareno Rei dos Judeus*. Os sacerdotes, offendidos, pediram a substituição do texto, por outro—*Jesus Nazareno, que se diz Rei dos Jadeus*—porem o Governador:

Está escripto!

Após a crucifixão, os soldados dividiram os vestidos do justiçado e sortearam a tunica, por ser inconsutil.

Juncto da cruz estava Maria, a mãe de Jesus, Maria Cleophe e Maria Magdalena.

Vendo sua mãe e o discipulo amado, João, disse Jesus:

—Mulher! Esse é teu filho.

E ao discipulo:

—Essa é tua mãe.

Depois vendo que tudo estava terminado, para se cumprir a Escriptura, exclamou:

—Tenho sêde!

E os soldados offereceram-lhe uma esponja embebida em vinagre.

—*Consummatum est!* diz, inclinando a cabeça. Tinha expirado.

Sendo aquelle dia uma sexta-feira, e solemne a festa de sabbado, para que os corpos não ficassem na cruz, pediram os judeus a Poncio que os mandasse retirar. Vieram os soldados: como Jesus estava morto, não lhe fracturaram as pernas, mas com uma lança rasgaram-lhe o lado, donde logo jorrou sangue e agua.

Um amigo de Jesus, José de Arimathea, veio desce-lo e dar-lhe sepultura; veio tambem Nicodemos com myrrha e aloés para o ungir. Depois de envolto num lençol de linho, depositaram-no em um sepulchro novo, que havia no horto das oliveiras.

Accom. de

Polybio.

Coisas da terra

Positivamente atravessamos uma epocha bastante critica.

A politica dos partidos collocou-nos, já agora, numa destas situações tão melindrosas que não podemos dizer com tal ou qual acerto o que possa ser para nós o dia de amanhã.

Portugal que se vem regendo pelo systema monarchico desde ha seculos, chegou a não ter monarchicos que lhe sirvam o regimen!

Ainda ha dias, em Vianna do Castello e em um comicio republicano, dizia um dos oradores que em Portugal havia apenas dois monarchicos: o rei e o ex-secretario de D. Carlos!

Sem norte e sem leme, appoiados apenas no voto das maiorias pnrlamentares que são sempre uma ficção, as naus governativas do nosso paiz vêm limitando a sua acção, desde a implantação do constitucionalismo, a contrair emprestimos que, ou tendem a conduzir-nos a uma ruina certa, ou nos vão empurrando para as garras dos credores externos, levando-nos assim um simulacro de independencia que ainda fingimos manter.

Avidos do poder, sem sciencia nem consciencia, a constante preocupação dos homens publicos que ultimamente nos tem governado, ha-se limitado tão sómente a questões feitas de futil regedoria politica, collocando acima dos sagrados interesses da nação, as vis mesquinhas intigras, sua unica e principal preoccupação.

Essa crise politica que para ahi se vem debatendo ha dias para gaudio da populaça e descredito perante o estrangeiro que nos mostra d'onde em onde as suas mãos cheias de garras, sobre ser um symptoma da nossa decadencia é a prova provada da nossa pobresa politica, intellectual e moral.

Meu pobre Portugal, como eras digno de melhor sorte!

Tu que levaste outr'ora o teu pregão civilisador nas naus do Gama e Cabral até aos confins do mundo, tu que tiveste um logar proeminente no grande banquete da civilisação, vês hoje os teus destinos confiados aos caprichos de um velho de oitenta annos, sem pernas, mas sempre ambicioso; vivendo artificialmente, mas dictando da sua cadeira de invalido as bases de mais um emprestimo ruinoso, com cujas sobras possa ainda remendar-se a tua tunica esfarrapada que o leiloeiro não tardará a pôr em praça!

Essa vida—se é que ainda vivemos—que as muletas de um invalido amparam, está no seu terminus. Vela-a a luz pallida e triste da immensa alampada que outr'ora illuminou o teu caminho de glorias e de tradicções nobilissimas.

Com tal mentor, oh, meu velho Portugal, não deve estar longe a tua liquidação formal.

Ah! não deve, não, infelizmente.

*

Emfim!

Coube a vez a Guimarães de responder ao appello feito por toda a imprensa do paiz em favor dos famintos do Douro. Teve voz o velho burgo.

Essencialmente caridosa e hospitaleira, não podia a minha terra calar no seu animo, por mais tempo, os santos sentimentos de caridade que brilham no seu brasão como a melhor das suas joias.

Tambem aqui houve um sarau em beneficio desses infelizes que habitam a outr'ora rica e hoje tão miseravel região duriense.

A iniciativa dessa festa deveras sympathica deve-se a um grupo de distinctos rapazes da nossa terra, sempre sollicitos em collaborar em obras caridosas.

O seu coração bemfazejo não podia deixar de prestar o seu concurso a uma obra tão humanitaria, quando com ella possa mitigar-se uma parcella que seja da grande miseria que assolou o Douro!

Bem hajam, pois, os promotores da festa que póde levar um pouco de pão a quem tem fome!

Bem hajam.

Nautilus.

Mulher de Poncio

Abriam bem os arcos rendilhados,
sobre fustes esbeltos e lavrados.

D'entre festões suspensos e folhagens,
soriam mythologicas imagens.

A sacada de marmore, oppulenta,
de artistas gregos o primôr ostenta.

Entre todos na vasta frontaria,
era o balcão mais nobre que se abria.

Em volteio, quaes limpidas creanças,
cortavam-n'o, de tarde, as pombas mansas.

Illustres n'elle ás vezes se agrupavam.
Discutiam sorrindo ou conversavam.

Eram de Roma e graves senadores,
heroicos generaes e embaixadores.

Vinha não raro a sós, alli scimar,
dama gentil da caricioso olhar.

Do luar da Judeia, a luz albente
brincava em seus cabellos subtilmente.

Sentia-se um piedoso fundo honesto,
na luz d'aquelle olhar leal e mesto.

A tumultuaria plebe, n'esse dia,
espumava de colera e rugia.

Ameaças e gritos rouquejavam!
Funestos, rubros olhos faiscavam!

Não mais freme e se estorce em convulsão.
raivoso e louco, o turbido leão.

Era sangue, era morte, era um martyrio,
quanto exoravam, no feroz delirio,

esses lugubres rostos incendidos,
esses braços nodosos e estendidos!...

Debalde lhe falaram de innocencia.
A' turba agrada sangue e não clemencia!

—Um patibulo é quanto vos apraz?
'Hi tendes, pois,—lhe advertem—Barrabaz!...

Então redobra em furia desvairada,
mais horrenda, febril, convulsionada!

—Oh, nunca!—conclamou.—Porem Jesus,
sem culpa encontro!—O Gallileu à cruz!...

Pilatos entendeu o braço então,
e o flagellado abeira do balcão.

Timido vinha, esquallido e abatido,
de galas irrisorias cingido.

Ironias crueis o saudaram.
Os eccos pela praça retumbaram.

Maldições, assobios e risadas
romperam de mil boccas condemnadas.

E apresentando-o á multidão fremente:
—Vêde o triste!—exclamou.—Faz dó somente!...

E a onda em grita explue:—Governador,
contra Cesar conspiras. E's traidôr!...

Nisto a pendente purpura ondeou.
Matrona inquieta e loira entremostrou.

Lembrava, sob as prégas de brocado,
hellenico modelo esculpturado.

Pallida vinha, absorta e perturbada,
de nocturnas visões inda agitada.

Referira o que em sonhos entendêra.
Pelo réo supplicara, intercedêra.

—Não vês, pois, crime, e vaes dar morte ao Justo?!..
Mulher sou, e não vergo assim com susto!...

E dissera com ar tão convencido,
que o romano ficou-se apprehensivo.

A Poncio, n'este em meio, syria escrava
rica e esplendida alfaia apresentava.

E agua tomando, após esforços vãos:
—Do sangue justo—diz—eu lavo as mãos!...

—Sobre nós, sobre a nossa descendencia,
estale a maldição da innocencia!...

A nobre dama afflicta e timorata,
turvo rosto occultou nas mãos de prata.

E a seus ouvidos, longe e pavoroso,
rolou um brado austero e vagaroso,
. . . . . .

N'esse grito, implacavel, dolorido,
a Historia condemnava-lhe o marido!...

Mattos Ferreira.

Echos da Sociedade

Natalicios

«O Regenerador» envia os seus parabens ás ex.mas damas e cavalheiros que fazem annos, nos seguintes dias do mez de

ABRIL

SENHORAS

Dia 10—D. Maria Manuela d'Abreu Lima.
» 11—D. Etelvina da Natividade Dias Castro.
» »—D. Ermelinda Alice da Costa Guimarães.
» 14—D. Julia de Viamonte Correia Leite da Silveira.
» 16—D. Adelaide Martins da Costa.
» »—D. Palmira Infante.

HOMENS

Dia 10—Conselheiro Serafim Antunes Rodrigues Guimarães.
» 11—Dr. José Antonio Meirelles de Campos Henriques.
» 13—Carlos Abreu.

*

Tem estado nesta cidade a reparar os magnificos salões do snr. Barão de de Pombeiro, o snr. Joaquim da Costa Carvalho, distincto pintor-decorador.

*

Com sua ex.ma esposa tem estado nesta cidade o snr. dr. Alfredo Lopes de Mattos Chaves, distincto professor no lyceu de Coimbra e filho do nosso amigo, snr. dr. Augusto Alfredo de Mattos Chaves, illustre sub-delegado de saude.

*

Passa felizmente melhor, o que deveras estimamos, o snr. Bernardino José Ferreira Cardoso Guimarães, tio do nosso querido amigo e administrador d'«O Regenerador», snr. José Pinheiro.

*

Tem estado incommodada a esposa do snr. José Corrêa de Mattos, capitalista desta cidade.

Desejamos que em breve se restabeleça a bondosa senhora.

*

Completamente restabelecido, vimos já o snr. Joaquim Ferreira dos Santos, zeloso director do Banco Commercial de Guimarães, o que sinceramente estimamos.

*

Parte ámanhã para Lisboa o snr. conde de Paçô Vieira, que ha dias se encontra no seu solar de Paçô.

*

De Coimbra veio a esta cidade passar as ferias da Paschoa o snr. dr. Alvaro Basto, distincto lente da Universidade.

*

Esteve nesta cidade o nosso presadissimo amigo, snr. conselheiro Serafim Antunes Rodrigues Guimarães, da visinha cidade de Braga.

*

O illustre chefe do partido regenerador do districto, snr. dr. Francisco Botelho, regressou de Braga á sua casa de Cabeceiras de Basto.

*

Tem estado nesta cidade a fazer tirocinio para major no regimento de infanteria 20 do Infante D. Manuel, o nosso amigo capitão Zeferino Caria.

Noticiario

O novo governo

O ministerio parece que ficará assim organizado:

Presidencia e guerra—Sebastião Telles.
Reino—Alexandre Cabral.
Justiça—D. João d'Alarcão.
Fazenda—Soares Branco.
Marinha—João d'Azevedo Coutinho.
Obras Publicas—D. Luiz de Castro.
Estrangeiros—Carlos du Bocage.

Perante este governo, a attitude do blóco regenerador-dissidente será da opposição intransigente. A esse respeito disseram *As Novidades*, jornal regenerador.

«Não podia ser outra a nossa attitude, dada a maneira como o novo ministerio foi constituido, dado o seu caracter navegantino (progressista) por excellencia. Quer pelos intuitos a que obedeceu a respectiva organisação, contra as indicações do blóco parlamentar representado nas consultas do Paço das Necessidades pelos snrs. Julio de Vilhena e José d'Alpoim, quer pelo criterio adoptado para a escolha dos ministros, feita de elementos a quem pertence a responsabilidade dos factos que determinaram a queda do gabinete Campos Hênriques, uns por soledariedade ministerial com o snr. Espregueira, outros por apoio politico prestado ao ministerio de concentração — consideramo-lo como indicação formal de repto a todos os elementos politicos e não só ao blóco regenerador-dissidente, mas a todos os que consideram uma calamidade nacional a continuação deste predominio da casa dos Navegantes na politica do paiz.»

Duarte Borges

O «Diario do Governo» de segunda-feira passada publica o decreto que nomeia o snr. Duarte Borges Pacheco Pereira de Bourbon, consul de Portugal na Corunha.

E' para nós de immensa satisfação a nomeação de sua ex.ª para tão alto cargo, e por isso aqui lhe apresentamos as nossas sinceras felicitações.

O snr. Duarte Borges tem exercido nesta cidade o cargo de administrador do concelho, e de tal forma, que grangeou em poucos mezes a sympathia de quasi todos os habitantes desta cidade, que justamente o consideram e estimam.

Carreira de tiro

Segundo nos informam os snrs. Capitão Alcino Machado e Alferes Lapa foram encarregados telegraphicamente pelo snr. Ministro da Guerra, de proceder a novos estudos para a carreira de tiro.

Theatro D. Affonso Henriques — Sarau dramatico musical

Como prenoticiamos, realisou-se na noite de 4 do corrente este sarau com o fim altamente sympathico e humanitario de soccorrer os pobres do Douro.

Foi executado o seguinte programma:

1.ª parte

1.º *Poesia*—«Aos Simples», de Guerra Junqueiro, pelo ex.mo snr. Serafim Rodrigues.

2.º *Concerto* pelo grupo «Araujo Motta».

Palhaços—Leoncavallo.

3.º *Episodio dramatico*—Anecdota, de Marcellino Mesquita, pelos ex.mos snrs. Silva Guimarães, Seraphim Rodrigues e José Roriz.

4.º *Concerto* pelo grupo «Araujo Motta».

Murmurio d'el mare—Ottolini.

2.ª parte

1.º *Episodio dramatico*—«Tio Pedro», de Marcellino Mesquita, pelos ex.mos snrs. Silva Guimarães, José Roriz, Teixeira Diniz e F. de Carvalho.

2.º *Concerto* pelo grupo «Araujo Motta».

Rigolleto—Verdi.

3.º *Assalto* ao sabre e espada franceza entre dois officiaes de infanteria 20.

4.º *Concerto* pelo grupo «Araujo Motta».

Loin du monde (romance sans paroles) Paul Vachs.

Nos intervallos tocou a banda de infanteria 20.

Foi um espectaculo de *élite*. Perante uma assistencia numerosa e distincta, o grupo «Araujo Motta» executou com a costumada correcção os numeros que lhe estavam destinados no programma; os snrs. alferes Carvalho e Diniz foram fartamente applaudidos no assalto ao sabre e espada franceza, e os interpretes dos formosissimos episodios dramaticos de Marcellino Mesquita confirmaram os creditos que ha muito têm de amadores distinctissimos, parecendo-nos por vezes artistas consummados.

Este espectaculo, além das vantagens immediatas—soccorrer os que precisam — veio provar-nos que em Guimarães ha elementos de primeira ordem para se organisarem festas desta natureza.

Festa das Dôres

Foi imponente a que se realisou no vasto templo da V. O. T. de S. Francisco.

A armação dos habeis artistas Passos & Filhos estava primorosa; a orchesta, sob a regencia do snr. João Ignacio, houve-se correctamente; e o sermão pronunciado pelo festejado orador, rev. Martins d'Almeida, foi uma bella peça oratoria que veio confirmar os justos creditos de que gosa este nosso illustre amigo que é hoje um dos mais apreciados oradores sagrados no norte do paiz.

Daqui lhe enviamos um cordeal abraço de parabens.

Sousa Lobo

Um grupo de amigos do distincto escrivão de fazenda deste concelho, snr. Domingos Pereira Pinto de Sousa Lobo, querendo provar a estima em que tem o zeloso funccionario, offereceram-lhe na passada sexta-feira, dia do seu 52.º anniversario natalicio, um lauto jantar no Hotel Avenida, que foi primorosamente servido.

«O Regenerador» apresenta a sua ex.ª as suas felicitações.

Variola

E' do conhecimento de todos que em Guimarães grassa desde ha alguns mezes uma epidemia de variola, que, se não tem produzido uma mortalidade assustadora, nem por isso deve passar despercebida d'aquelles a quem compete velar pela saude publica.

Ora o dizer-se no seculo actual que uma epidemia existe ha alguns mezes equivale a affirmar-se que nada se tem feito para a debellar.

A variola é a mais contagiosa das doenças e prefere para atacar as classes miseraveis não só em virtude da sua menor resistencia organica mas ainda pelas condições insalubres das suas habitações.

Em Guimarães ha casas habitadas por gente que são verdadeiros chiqueiros de porcos.

As trazeiras das casas das ruas de S. Damaso e Nova do Commercio deixam ver o espectaculo mais nojento que é possivel imaginar-se: um ribeiro de imundicies alimentado pelas varias afluentes que nascem nas latrinas e para elle despejam a descoberto todos os dejectos humanos.

Na rua de D. João I... mas para que continuar a especialisar locaes?

Isso levar-nos-hia a percorrer a maior parte da cidade com o nariz bem tapado para não sentirmos aqui e ali os *perfumes* que exala tanta porcaria.

E' certo que o dig.mo sub-delegado de saude tem empregado todos os esforços para que desappareça tão grande mal e por isso ousamos pedir-lhe para que não descure tão importantissimo assumpto, assumindo se tanto for necessario, a direcção duma campanha de saneamento, chamando em seu auxilio todos aquelles que o possam e devam ajudar em beneficio da saude publica.

Festas Gualterianas

Dizem-nos que reune brevemente a Associação Commercial desta cidade, afim de tratar das proximas festas gualterianas.

Associação de Classe e Caixa de Soccorros dos Operarios Fabricantes de Calçado de Guimarães

No proximo dia onze do corrente, esta prestimosa e florescente collectividade commemora o quarto anniversario da sua inauguração com o seguinte:

De manhã alvorada com salva de vinte e um tiros, percorrendo a Nova Philarmonica Vimaranense varias ruas da cidade, executando o hymno desta Associação.

A's dez horas da manhã, todos os socios com distinctivos, acompanhados da sua bandeira e da mesma Philarmonica, assistirão a uma missa na egreja da V. O. T. de S. Francisco.

A's tres horas da tarde, bazar de prendas, por o conhecido leiloeiro Ignacio Rijão.

A' noite illuminação, fôgo e continuará o mesmo bazar e a Nova Filarmonica executará variadas peças do seu vasto reportorio.

Na Praça de Touros

O celebre athleta Luiz Marx realisa no domingo de paschoa o segundo espectaculo na Praça de Touros em que mais uma vez mostrará os seus admiraveis trabalhos.

Sarau

A familia Santos promoveu para o proximo domingo na Assembleia Vimaranense um sarau dramatico musical, com um programma attrahente.

Attendendo á sympathia que aqui gosa a familia Santos, é de esperar uma grande concorrencia.

O nosso amigo snr. Bernardino Jordão, visto as circunstancias precarias em que se encontra a Companhia de que os beneficiados fazem parte, offereceu a illuminação electrica gratuitamente.

EDITAL

DUARTE BORGES PACHECO PEREIRA DE BOURBON, administrador do concelho de Guimarães, etc.

Faço saber que Eduardo & Silva, negociantes e industriaes desta cidade, apresentaram nesta administração um requerimento pedindo concessão de licença para a fundação de uma fabrica de pentes, nickelagem e moagem, nuns terrenos pertencentes aos requerentes e situados na freguezia de Azurey, deste concelho.

Dentro da referida fabrica serão installados um motor e gerador a gaz pobre, systema "Otto Forward,,, da força de 24,5 cavallos, typo electrico, duas rodas de moagem e um dynamo de 1 Kw 9 amperes e 115 volts.

Este estabelecimento acha-se classificado na 2.ª classe da tabella annexa ao Decreto de 21 de outubro de 1863, com a indicação dos inconvenientes seguintes: "*Perigo de explosão; incommodo que resulta do trabalho dos moinhos*„

São por isso convidadas as auctoridades publicas, os chefes e agentes de quaesquer estabelecimentos e todas as pessoas interessadas a reclamar por escripto, nesta administração do concelho, no prazo de trinta dias, a contar da publicação do presente edital, se quizerem oppôr-se á concessão da requerida licença, e findo que seja aquelle prazo e não havendo reclamação alguma, seguirá o processo os seus devidos termos.

Para constar mandei passar o presente edital e outros de egual theor que serão affixados nos logares indicados no § 1.º do art. 6.º do Decreto de 21 de outubro de 1863.

Secretaria da Administação do Concelho de Guimarães, 29 de março de 1909.

E eu Manoel de Freitas Aguiar, secretario da Administração, o subscrevi.

Duarte Borges Pacheco Pereira de Bourbon.

COMMUNICADO

Rectificações a uma resposta

A' minha carta-communicado, publicada no n.º 18 do «Regenerador», responde longamente «A Restauração», em seu n.º 256. Se na contradicta eu seguisse *paripassu* a *Resposta*, longe teria de ir, porque muitos sam os pontos a contestar. Não podendo ser assim, porque o jornal tem dono e os leitores dispensam narcoticos, chamarei á sarabanda, unicamente, os periodos capitaes.

A primeira peça que exige acompanhamento é esta:

> «O nosso illustre collega, quando ha pouco o convidamos para a discussão dos nossos programmas politicos, fugiu ao leal convite, não julgando indigno do seu caracter fazer cair sobre nós as custas da sua resolução. Já notamos que, antes de tal convite, todas as discussões» (quaes?) «foram pelo snr. P.ᵉ Hermano julgadas possiveis. Aquella foi a primeira impossivel. Mas, a ser sincera a escusa, era de esperar que, formado tal conceito do adversario, nunca mais se quisesse discussão com elle.» (assim é: não discuto; defendo-me.)
>
> «Por conseguinte o snr. P.ᵉ Hermano não foi sincero ao escusar-se daquelloutra discussão.»

Não é verdade. Não fugi, nem sei fugir. Recusei fundamentadamente uma discussão *inutil*. E' differente. Havia de ter graça estarmos para ahi eternamente a renhir sobre questões já sufficientemente debatidas. Dentro em pouco diziam: que dois maduros!

Mas se, ao illustre confrade, convem, para effeitos scenicos, gritar que lhe fugi, como a um papão, grite até enrouquecer; enrame-se com esses faceis louros. Que lhe faça bom proveito a gloriola.

Quanto a *outras* discussões que diz ter eu julgado possiveis, isso foi sonho. A nossa unica discussão na imprensa (se tal nome lhe cabe) tem sido esta. Não sei doutras.

*

Como, na alinea *b)* da carta, asseverei que sempre fui regenerador, inclusive quando lidava por um partido catholico, porque, dentre os partidos organizados, era o regenerador aquelle que eu melhor conceituava, diz:

> «Daqui colhe-se, em bôa logica, que o snr. P.ᵉ Hermano não considera cathólico o partido regenerador»: (é mahometano) «no que pensa mui rectamente. Ora que o snr. P.ᵉ Hermano, julgando mau que um partido não fosse cathólico,» (ora adeus!) «continuasse filiado nelle e por conseguinte a lidar por elle, ao mesmo tempo que trabalhava por outro que o combatesse e supplantasse... será grande subtileza» (não: era seguir o bom á falta do optimo) «que a muitos ha de parecer inexplicavel incoherência.»

Dali o que se podia colher, na boa e clara logica que respeita o *sentido*, é que não existia partido que, acima de tudo, puzesse os interesses de ordem religiosa e não que as facções existentes, a legitimista, a progressista, a regeneradora, a republicana, seguissem a religião de Belzebuth.

Eu não julgava anti-catholico o meu partido, mas admittia a conveniencia e a possibilidade doutro melhor e por essa ideia lidei.

Bem sabe o distincto collega que a expressão — partido catholico — se emprega como equivalente de — partido religioso — em contraposição a — partido politico —. Em casa temos exemplo: «A Restauração» é folha *catholica*, isto é, tem a missão especial de versar assumptos de ordem religiosa; «O Regenerador» é jornal *politico*, isto é; compete-lhe defender um partido e, em materia de crenças, é tam catholico como se tivesse na frontaria a tabuleta.

A boa logica manda despejar no lixo *confusões* como esta, de que o argucioso collega lançou mão.

*

Ainda a proposito da religião dos regeneradores e, por egualdade de razões, dos progressistas, franquistas, etc., vae o terrivel collega extrahindo, da sua boa logica, conclusões mirabolantes. Queiram ouvir:

> «O liberalismo radical professado pelo partido regenerador é immediàtamente contra a fé, e portanto herético, e nega implicitamente a divindade da Igreja.» (O que ahi vae!)
>
> «Mas o certo é que o partido regenerador tem sido coherente com os seus princípios. Professa a doutrina de que a Igreja está sujuita ao estado, e tem procedido habitualmente de accôrdo com essa doutrina.
>
> .....
>
> «O snr. Teixeira de Sousa, ainda ha poucas semanas, revindicando as glórias do partido regenerador, recordava a extincção das ordens religiosas, a expulsão dum núucio, etc.»

Fica pois bem assente esta coisa cerebrina: que a maioria dos portuguezes nega a divindade da Igreja! Se as consequencias de tal principio forem o que ha de mais incongruente e insustentavel, que importa? Sam arranjos da boa logica. Mas agora nos lembramos de que, certamente, o amavel collega quiz fazer laracha á conta da religiosidade dos partidos. Não foi outra coisa; porque os factos, cerradamente, gritam contra a desconcertada affirmativa.

E os casos lembrados pelo snr. T. de Souza? Podem-se discutir, podem em parte condemnar-se, mas não laivam de anti-catholico um partido conservador, cujos fastos provam harmonia com a Igreja. A expulsão das ordens monasticas foi medida de caracter *politico*, provocada acirrantemente pela ingerencia dos conventuaes na lucta civil. Podia e devia ter sido outra a solução, mas o facto é explicavel e, em todo o caso, não attinge a essencia da Igreja.

Quanto ao nuncio Masella, não tenho á mão um relato meudo do conflicto, mas sei que o proprio Vaticano deu razão ao Governo Portuguez e castigou o funccionario diplomatico; signal de que não estava isento de culpa.

Só á mingua de bons argumentos é que pode ser aproveitado este que se volta, cortante, para o seu auctor. Tomado ao serio, significaria que o douto collega se abalança a censurar o Summo Pontifice por ter feito causa commum com o nosso Governo. Seria então mais papista que o proprio Papa!

*

Tendo eu affirmado ser uma incorrecção, vir com insinuações a respeito da explicada troca de *aquelle* por *o*, incide na questiuncula, deste modo:

> «Nós escrevêramos que a redacção de *O Regenerador* não ficou contente «com a nossa condemnação *daquelle duello*;» e o snr. P.ᵉ Hermano accusou-nos publicamente de termos dito que a redacção não ficou contente «com a nossa condemnação do duello.» Ha muita differença entre uma hypóthese e uma these;
>
> .....
>
> Uma alteração, que rende contra um escriptor honesto a accusação pública de calumniador, não se pode chamar «inoffensiva».
>
> «Estavam dadas explicações tam claras como verdadeiras. «Claras», sim; «verdadeiras», sim; sufficientes, não.»

Esta freima, á volta dum nada, mostra quanta razão me assistia ao recusar uma discussão em forma, ácerca de programmas...

O irreductivel collega só descançaria se eu, contra a consciencia, lhe dissesse: é certo: o demonstrativo-*aquelle*-foi empalmado de má fé! Então consolaria-se de lançar aos ares uma daquellas girandolas famosas, aconselhadas por *Salvany*. Tenha paciencia: não posso dar-lhe essa alegria, porque, onde o snr. P.ᵉ Faria rebusca uma falsificação, houve só uma desattenção.

Demais, contesto que houvesse tal, a differença da these para a hypothese: «*o duello*» era, sem uma duvida, «*aquelle duello*» que discutiamos. Em ambos os casos era a hypothese.

E agora passemos ao ponto nodal de toda esta briga.

Como eu, respondendo, por dever, a um *emprazamento* formal, justifiquei o *suelto* que dava o snr. P.ᵉ Faria por dominios do snr. José Luciano, em tempos antenacionalistas, o illustre jornalista pousa mão de ferro sobre a minha dignidade e vae dizendo, como discipulo aproveitado de *Mamachi:*

> «Nunca suppusemos que o snr. P.ᵉ Hermano se esquecesse tanto de si, que ousasse descer a taes processos de discussão. Não podemos desfiar com a necessária largueza a complexa meada de desconcertos consubstanciados nesta cituação: apontaremos só os principaes.
>
> Antes de mais nada, não sabemos que nome dar ao procedimento de quem abusa dum conhecimento obtido na intimidade» (não estava má a intimidade!)
>
> .....
>
> «para, interpretado na peor má fé» (à Salvany) «o vir lançar em rosto publicamente a quem não concorda com certas ideias.»

Pela fumarada que se levanta desse extracto, dir-se-hia que fizemos ao collega uma occusação tremenda! E apenas dissemos que foi... progressista, o que nada tem de vexatorio.

Sam expressões improprias dum espirito sereno. Quando a calma tiver voltado, estou certo de que o amigo ha de dar ao demo as proverbiaes «incontinencias» da sua penna, aliás bem aparada.

Eu tinha de accudir ao *emprazamento* com que fôra desafiado; calar-me era dar-me por falsario: «*Non possumus non loqui.*»

E o facto nada tinha de segredo. Não houve a menor reserva quando o combinamos: soube-o quem quiz. Mais: se a combinação se frustrasse ou não lembrasse, o rev. collega iria votar, em plena assembleia, *mas não viria mascarado*, e sim de fronte levantada, com a nobre altivez que sempre nos acampanha no desempenho do dever. Portanto, contar tal facto, demais a mais em obediencia a um emprazamento, não é descer, não é desconcerto, não é nada de tudo isso que enruga aquelle trecho.

E mais adeante escreve:

> «Francamente o snr. P.ᵉ Hermano julga que, para um sujeito se poder affirmar filiado num partido, basta que um dia tenha dado o voto a um ou mais candidatos patrocinados pelo mesmo partido?»

O que toda a gente julga é que o voto costuma ser o indicador mais seguro do partido do votante. Ora o snr. P.ᵉ Faria explica ter sido uma excepção a essa regra, e ter votado apenas em homenagem a uma migo. Visto isso, para o futuro, não direi que o meu illuste contendor foi um lidimo progressista. Não mais o direi!

A verdade é esta: o collega sente-se vencido e quer fazer um capitulação, mas honrosa. Porque não? Acceitas ficam todas as attenuantes ao seu *extraordinario delicto* e admittidas como boas todas as explicações. Sou pacifista convicto e ardente.

*

A' minha reflexão de que, por vezes, a sua penna risca fundo e grosso e faz lembrar uma tranca, apesar de muito arreiada de conceitos e de erudição, diz:

> «Estamos convencidos de que nas pugnas da imprensa, nunca excedemos os nossos direitos. Para isso temos procurado estudar algum tanto as bôas regras e os bons modelos.»

E então cita lições de mestres que mandam correr com os adversarios, como se fossem cães damnados. E' *Sardá y Salvany* dizendo: «Convem desacreditar a pessoa e trazer a publico as suas infamias». E' a *Cilvita Catholica* affirmando «que toda a lei permitte que para defender duma testemunha falsa um cliente, se adduza em juizo» (note que é em juizo) «tudo quanto pode infamar esta.» E' o *P.ᵉ Mamachi* com eguaes theorias e, como remate da collecção: «Nos escriptos dos grandes athletas do christianismo é continuo o uso de ironia, e dos epithetos despreziveis.»

O illustre investigador, colhidas essas lições—como, se o gosto lho pedisse, teria colhido outras, innumeraveis, diametralmente oppostas e mais harmonicas com a nota pacifica e amoravel que vibra no christianismo—conclue, ufano, que jámais excedeu aquelles limites nas luctas da penna. Mas *limites*, a final, não ha, visto os mestres auctorizarem tudo e ainda mais!

*

No artigo «entradas e saïdas» que não me diz respeito, senão em dois incidentes, escreve:

> «Mandou-nos então dizer pelo snr. P.ᵉ Hermano (e elle executou o encargo!) que cortára as relações com a *Restauração*.»

Dois lapsos. Nem elle, o illustre director deste jornal, mandou fazer coisa alguma, pois que já o dissera mui claramente no artigo — *Questão liquidada* — nem eu acceitei incumbencia nenhuma.

Vê-se que a verdade tem poucos amigos fieis.

*

Mais além, a contas com a minha pessoa:

> «Auctorizados pela doutrina do snr. P.ᵉ Hermano de que tudo quanto em o *Regenerador* sair sem assignatura deve ser attribuido a ambos os redactores.»

Ora a minha expressão fôra esta:

> «Se tinha a convicção de que havia mais que um redactor, e a local appareceu sem rubrica, era curial attribui-la á *redacção* ou ao *Regenerador*.»

Coutejando, vê-se logo que o puntilhoso collega foi, outra vez, um pouco falso á sua querida verdade. E agora, se eu fosse um admirador do Salvany, ou acceitasse como pura Biblia tudo quanto escreveram os «athletas», podia trautear algum daquelles «epithetos despreziveis»...

E por aqui termino. O que ahi fica já é mais que sufficiente para que todo o proximo numero da «Restauração», fique ás minhas ordens. Será grande honra.

5—IV—909.

Antonio Hermano.

Annuncios

Instituto Hermano

GUIMARÃES

Admittem-se alumnos internos e externos.

Aulas no lyceu e explicações no instituto.

Estabelecimento

—DE—

LANIFICIOS, FAZENDAS BRANCAS E MIUDEZAS

DE

Jordão & Simões

Praça de D. Affonso Henriques, 1 a 6 — GUIMARÃES

Os proprietarios d'este estabelecimento, tendo introduzido n'elle grandes melhoramentos, chamam a attenção para um grande saldo de camisolas, atoalhados, colchas, casimiras, cheviotes, amazonas, phantasias, oxfords, etc., etc., cujos artigos são vendidos com grande abatimento.

Tambem chamam a attenção dos seus Ex.mos freguezes para o seu sortido completo em:

Casimiras.
Cheviotes.
Meltons.
Amazonas.
Phantasias para vestidos.
Armures.
Merinos.
Castorinas.
Estrekans para capas ou casacos de senhora.
Baetas.
Flanellas pretas e azues para fatos.
Morins.
Pannos-familias.
Flanellas.
Pannos crus.
Cotins.
Riscados.
Oxfords.
Zephyres.
Velludilhos.
Camisolas.
Colchas.
Atoalhados.
Cobertores.
Guarda-soes.
Lenços de sêda e de lã.
Lenços para bolso.
Chales.
Diversos artigos para forros, taes como: lusitanas, linetes, sargelins, crinolines, panninhos, etc., etc.
Diversas miudezas e muitos outros artigos impossiveis de enumerar.

PREÇOS SEM COMPETENCIA

Pharmacia Dias Machado

Rua da Rainha (junto á Misericordia)

GUIMARÃES

Serviço permanente

Oleina Fluida Analgesica

Menthol, Salicylato de Metayle fluido

Auctor e depositario--Dias Machado

Remedio efficaz para a cura do defluxo, frieiras, eczemas e dores nevralgicas, sciaticas, rheumaticas, etc.

OFFICINA

E

Deposito de Calçado

—DE—

GABRIEL DE FARIA

Rua d'Alcobaça, 17

GUIMARÃES

Participa a todos os seus amigos e freguezes que, tendo mudado ultimamente o seu estabelecimento para a rua d'Alcobaça, espera dever-lhes a fineza d'uma visita pois alli encontrarão um variado sortido de calçado, tanto para homem, como para senhora e creança, garantindo a sua qualidade e segurança.

Tem sempre no seu estabelecimento os melhores cabedaes das fabricas nacionaes e extrangeiras.

Executam-se com promptidão grandes ou pequenas encommendas.

PREÇOS MODICOS.

Livraria

PAPELARIA E TABACARIA

—DE—

Francisco Joaquim de Freitas

TOURAL

Novidades litterarias

Á VENDA NA

Tabacaria Lemos

Lello & Irmão

O intruso, por G. d'Annunzio. Vol. XLVIII da colleção «Horas de leitura». Guimarães & C.ª, Lisboa — 200 reis.
O ensino de Jesus, por L. Tolstoi. Versão da edição ingl. de Maude, por Jayme de Magalhães Lima. «A Editora», Lisboa — 200 reis.
A Machina de esplorar o tempo, por H. G. Wells. Trad. de M. Macedo. «A Editora», Lisboa — 200 reis.
Frei Agostinho da Cruz, por Hemiterio Arantes. Guimarães & C.ª Lisboa — 200 reis.
Paradoxo, por José A. Moniz. Guimarães & C.ª, Lisboa — 200 reis.
A Dictadura, por Bruno (José Sampaio).
A Esphinge, por Coelho Netto.
Quebranto, por Coelho Netto.
Jardim das Oliveiras, por Coelho Netto.
O meu Flos Sanctorum, de Rezende.
Contos do estio (verso), por Luiz de Magalhães.
Zoilos e Esthetas, por Almachio Diniz.
Passaros que fojem, por Veiga Miranda.
O Azebre, por Henrique L. de Mendonça.

Magalhães & Moniz

O filho do Morgado, por A. Malheiro.
Senhora da noite (verso), Teixeira de Paschoaes.

CHAPEUS PARA SENHORAS E CREANÇAS

ATELIER DA MODA

DE

Maria da Oliveira da Costa Roriz

RUA DOS TERCEIROS (S. FRANCISCO)

GUIMARÃES

Grande e variado sortido de chapeus, cascos e confecções, vindo das principaes casas do Porto e de Lisboa que se fornecem directamente de Paris.

Confeccionam-se chapeus pela ultima moda e modificam-se pelos ultimos figurinos.

Preços modicos

FABRICA A VAPOR

DE

PENTES E CUTELARIAS DE GUIMARÃES

DE

Costa, Lerdeira & C.ª

GUIMARÃES

Fabricação de pentes de chifre, galalith e celluloide para caspa e alisar, travessas e ganchos de celluloide para o cabello (fabricação privilegiada).

Cutelarias em todos os generos, nickelagem e muitos outros artigos da industria de Guimarães.

Escriptorio: Largo do Toural—Guimarães

O Regenerador

Preço da assignatura		Preço das publicações	
Anno	1$300 rs.	Annuncios e communicados, por linha	40 rs.
Semestre	650 „	Repetição, por linha	20 „
Brazil, anno (moeda forte)	2$500 „	Permanentes, contracto convencional.	
Numero avulso	40 „		

Ex.mo Snr.

.....

.....